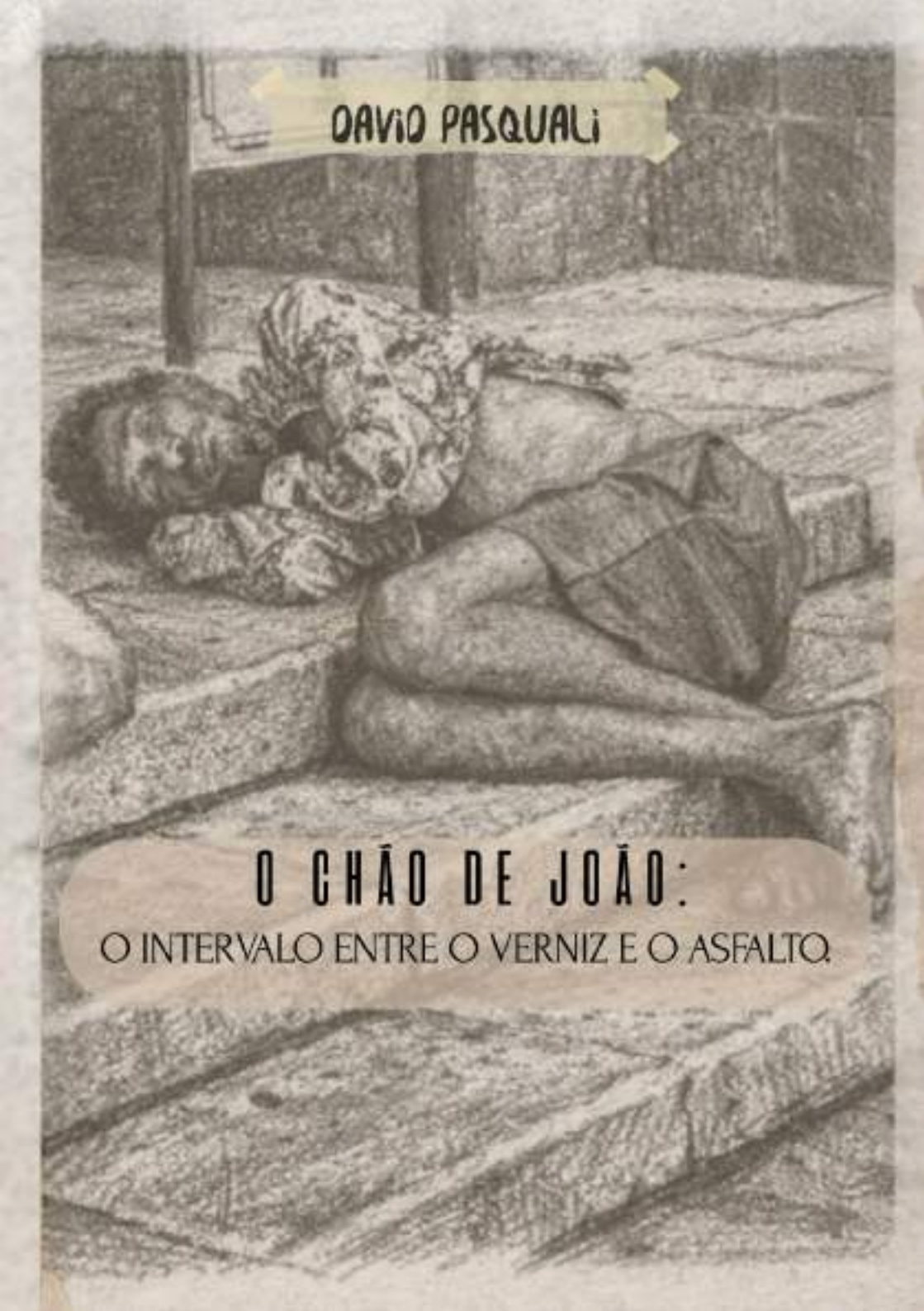


A black and white photograph of a man lying on a stone floor, holding a small dog. The man is shirtless and wearing shorts, looking towards the camera. The dog is small and patterned. The background shows a stone wall and a metal railing.

DAVID PASQUALI

O CHÃO DE JOÃO:

O INTERVALO ENTRE O VERNIZ E O ASFALTO.

O Chão de João:

O intervalo entre o verniz e o asfalto.

Fotolivro—ensaio documental autoral de inspiração humanista e pastoral.

A jornada de um artesão pelas ruas de Belo Horizonte.

Fotografia e Roteiro por: David Rafael dos Santos.

“Esta é uma narrativa ficcional construída a partir de realidades observadas.”

Belo Horizonte, 2026

1ª edição

Pequena Via Sacra das ruas

Nota do autor	4
Introdução	5
I. O Luthier do Asfalto	6
II. Mãos que Falam	8
III. A Queda	10
IV. O paradoxo	12
V. O Sentinela de Retalhos	14
VI. O Último Alento	24
Depois do silêncio	29

Nota do autor

Para mim, um garoto do campo, crescido em uma pequena cidade do Recôncavo baiano, um dos maiores estranhamentos ao migrar para as grandes metrópoles foi a presença das pessoas em situação de rua. Pessoas marginalizadas, que vivem como se não existissem — ou, ao menos, é isso que a sociedade parece acreditar.

Não entrava em minha cabeça a possibilidade de que, nesse mar de gente, não houvesse ninguém disposto a estender a mão. Ninguém para na rua do dia para a noite; existem diversas etapas, quedas e abandonos antes que isso aconteça.

Em mim, cresceu um sentimento de impotência. Sentia que nada podia fazer por essas pessoas, pois sendo um seminarista religioso, em formação para exercer os votos evangélicos — dentre eles, o de pobreza —, nem mesmo moedas eu possuía para lhes oferecer.

Este livreto nasceu desse sentimento. Se não posso oferecer acolhimento físico, ofereço a minha arte. Acredito que a fotografia é uma forma sublime de expressão, com um tremendo poder de evangelização e humanidade.

Este fotolivro nasce também com um destinatário concreto: pessoas simples, de fé, que talvez não tenham familiaridade com a linguagem técnica da fotografia, mas reconhecem o valor do olhar atento e do cuidado com o outro. Por isso, o texto acompanha as imagens como quem caminha junto, ajudando a nomear silêncios e a sustentar a contemplação. Não se trata de ensinar fotografia, mas de formar o olhar — um olhar mais lento, mais humano, mais próximo do Evangelho vivido no chão da cidade.

Introdução

No Evangelho de São Lucas, dois discípulos deixam Jerusalém após a morte de Jesus. Caminham para Emaús com o passo de quem retorna à vida comum. O sonho terminou. A cruz pareceu definitiva. Restava seguir adiante.

Enquanto conversavam, alguém se aproximou e passou a caminhar com eles. Falaram longamente. Partilharam o percurso. Ainda assim, não o reconheceram. O texto diz apenas que seus olhos estavam impedidos.

Há encontros que acontecem assim: lado a lado, no mesmo caminho, sem que se perceba quem caminha conosco.

A cidade também é feita desses desencontros. Corpos dividem o mesmo espaço, mas não o mesmo tempo. Passam próximos, sem se ver. O passo apressado atravessa o dia; o olhar aprende a escolher o que merece atenção e o que pode ser ignorado.

Este livro nasce desse intervalo. Do tempo em que se caminha junto sem reconhecer. Do chão onde vidas permanecem visíveis apenas o suficiente para não interromper o fluxo.

As páginas que seguem não pedem pressa. Pedem demora. Um passo mais lento. Um olhar que aceite não compreender tudo de imediato.

Talvez, ao longo do caminho, algo se revele. Não como resposta, mas como presença.

1. *O Luthier do Asfalto*

A cidade começou a diminuir para ele em um movimento silencioso. Primeiro, as paredes da sala desapareceram sob o peso das dívidas; depois, o teto foi recolhido pelo banco. Quando deu por si, o céu de Belo Horizonte era a única cobertura que não lhe cobrava aluguel.

João agora lê o mundo pelos pés. O asfalto quente da tarde é bem diferente das texturas que sua vida já teve. Ele caminha entre carros — cápsulas de metal, vidro e indiferença — onde mãos se apressam em fechar janelas antes mesmo que ele possa oferecer sua existência em troca de uma moeda.

Mal sabem que o peso que ele carrega no carrinho não é lixo: são os destroços de uma identidade.



19. *Mãos que Falam*

Houve um tempo em que as mãos de João cheiravam a verniz e possibilidades. Ele não era um luthier — e dos bons. Um mestre silencioso, respeitado por músicos e maestros.

O toque sutil na madeira dos instrumentos que produzia com devoção era o seu modo de rezar. Cada peça concluída era a prova de que ele era “alguém”, como sua mãe tanto repetia enquanto cozinhava.

João não se especializou nos estudos formais; reconheceu a vocação que trazia consigo. Desde pequeno se interessava por música. Quantos violões o pequeno João não desmontou — e quebrou — na tentativa de entender seu funcionamento? Foi o primeiro presente de que se lembrava ter recebido do pai: um operário de longos turnos, músico boêmio nas poucas horas vagas.

João ainda se recorda das cantigas que o pai entoava, às vezes tarde da noite, ao chegar do trabalho. Talvez ali tenha nascido seu fascínio.

Hoje, a textura mudou. Suas mãos sentem o frio do ferro do carrinho e o descaso das moedas lançadas ao chão, quase sempre sem encontro de olhares. Ainda assim, ele guarda um pedaço de madeira de um velho violão — o primeiro que construiu. Um amuleto de um tempo em que o trabalho não era uma quimera, mas a extensão do próprio ser.



III. *A Queda*

Antes de parar nas ruas, João lutou muito. Talentoso como era, abriu sua própria oficina. Trabalhou nela por longos trinta anos.

O que não contava era com o tempo mudando sem pedir licença. Com a valorização do efêmero e do imediato, a procura por seu trabalho diminuiu. Não havia mais interesse em dons que exigiam tempo, paciência e escuta.

Mesmo assim, João não desistiu. Dobrou a jornada. Dividia o dia entre o ofício de luthier e a tentativa de divulgar seu trabalho. Ia às ruas, enfrentava o mundo endurecido. Passava horas no metrô, indo e vindo, ainda com as mãos marcadas pela madeira e o verniz, à procura de alguém que se interessasse por algo que parecia não caber mais naquele tempo.

Essa foi sua rotina por anos: trabalhar, ir e vir, sobreviver. A gota d'água veio com os bancos — o endividamento para manter os custos da oficina e a hipoteca da casa, perdida pouco depois. Não lhe sobrou nada além das ruas.



IV. O paradoxo

Catar recicláveis e decidir o que comer, dia após dia, tornou-se sua nova vida. Ainda assim, João mantinha esperança.

— *“Isso deve ser passageiro”*.

Os dias passaram. Depois, os anos. Quando se percebe, já não se sabe que dia da semana é.

As vitrines anunciavam fartura. As pessoas compravam, sorriam, seguiam. João, não. João tornava-se invisível.

Mas, para voltar a ser gente, precisava trabalhar. E para voltar a trabalhar, precisava ser gente.

Quando ousava clamar por dignidade, sua própria aparência o silenciava. As roupas gastas falavam antes dele.



V. O Sentinela de Retalhos

Ouvidos, talvez ninguém lhe desse. Mas companhia sincera, ele encontrou.

Seu fiel escudeiro chamava-se Traste. João o encontrou ainda filhote, e desde então tornaram-se inseparáveis.

Traste oferecia presença e proteção.

João repartia o pouco alimento que tinha.

Belo Horizonte tornou-se a casa dos dois.

A Praça da Liberdade, o quarto.

A Lagoa da Pampulha, a sala de visitas.



João agradecia a marmita fria como quem recebe pão sagrado. Sabia que a bondade alheia era o único fio que o sustentava sobre o abismo.



— “Eu já fui como você”, murmurava aos passantes.

Quantos o criminalizavam? Quantas pancadas já recebera? A calçada dura tornou-se seu aconchego. Como se sua existência se fundisse ao chão frio e irregular.



João dorme onde o fluxo não pode parar. Entre vitrines fechadas e passos apressados, resta-lhe o chão como único abrigo.



Entre o vai e vem apressado da cidade, João permanece, como uma peça esquecida fora do tabuleiro. O jogo continua, indiferente, enquanto reis, rainhas, cavalos e bispos passam e estratégias invisíveis se cumprem. Nem todos jogam para vencer — alguns apenas sobrevivem à margem das regras.



V9. O Último Alento

A noite em Belo Horizonte tem o silêncio das coisas que se apagam. João se cobriu com o cobertor de tecido gasto, último limite entre ele e o mundo. Ainda assim, acreditava na bondade. Ainda assim, acreditava no amanhã.

Deitado sobre o granito frio, à sombra de um banco que já fora lugar de descanso, sentiu o presságio. Não era o frio habitual da calçada.

Com uma lucidez dolorosa, tomou sua última decisão de cuidado. Desamarrou o companheiro de quatro patas do próprio punho e, com movimentos lentos, prendeu a guia a um pilar alguns metros adiante.

O cachorro observava à distância, sem compreender. Não sabia que aquele afastamento era o maior gesto de amor que um homem sem teto poderia oferecer.

João se encolheu no chão. Cobriu o corpo e a cabeça com o lençol branco, tornando-se um volume informe sobre o asfalto. Do lado de fora, apenas uma perna nua e exausta. Ao lado dos pés, uma garrafa de água e restos de comida — tudo o que possuía.



O silêncio do centro da cidade foi cortado por passos sem pressa. Passos frios.

O lençol, que deveria proteger, tornou-se pavio.

Pela manhã, a calçada estava limpa.

O banco, intacto.

A guia presa ao pilar permanecia esticada, como se ainda esperasse alguém.

A história de João recomeça toda vez que alguém aprende a desviar o olhar. O asfalto apaga nomes. Não apaga ofícios, nem memórias, nem a dignidade que insiste em existir mesmo quando ninguém a reconhece.

Depois do silêncio

O chão permanece.

As vitrines abrem.

Os ônibus voltam a passar.

O fluxo retoma seu curso como se nada tivesse acontecido.

João não está mais ali.

Mas o espaço que ele ocupava não se fecha tão facilmente.

O verniz ficou para trás.

O asfalto continua.

Entre um e outro, há marcas que não pertencem nem ao passado nem ao destino, mas ao esforço cotidiano de permanecer humano.

Ninguém desaparece de uma vez.

Antes, vai sendo esquecido aos poucos, no ritmo apressado das calçadas, no desvio automático do olhar, na tranquilidade de quem segue.

Se algo aqui incomoda,

talvez seja porque o chão devolve a pergunta que evitamos enquanto caminhávamos.

“O Chão de João: *O intervalo entre o verniz e o asfalto*”.

Fotografias e texto: *David Pasquali*.

Nota:

Esta obra é uma ficção. Personagens, situações e eventos são construções narrativas, ainda que inspirados por contextos, experiências e realidades socialmente verificáveis.

Este trabalho foi realizado com respeito à dignidade das pessoas fotografadas, sem encenação ou exploração de sua imagem.

Fotografias realizadas em Belo Horizonte, 2026.

Todos os direitos reservados.

Email: davidrafaelsts@gmail.com

Contato (WhatsApp): 75 9 8873-3820.

Instagram: @pasqualidavi

© 2026 — David Pasquali

Permitida a reprodução sem fins comerciais, com crédito ao autor.

1ª edição — 2026